

## NIETZSCHE PROFESSOR: POR UM ENSINO DE FILOSOFIA POTENCIALIZADOR

### NIETZSCHE TEACHER: FOR A EMPOWERING PHILOSOPHY TEACHING

Lucas Giovan Gomes Acosta<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem por finalidade estabelecer uma aproximação entre o pensamento filosófico de Nietzsche e a educação, ao abordar especificamente o ensino de filosofia. O estudo visa configurar o pensamento de Nietzsche no campo educacional de maneira a demonstrar pontos de interlocução com algumas questões contemporâneas de educação. Para isso, busca-se recuperar alguns conceitos fundamentais que preconizam, proficuamente, a compreensão da configuração do conceito Vontade de Potência no pensamento de Nietzsche, a fim de se problematizar a possibilidade de um ensino de filosofia potencializador, ou melhor, um ensino de filosofia que propulsione a potencialização do educando. O procedimento adotado consiste em uma pesquisa bibliográfica, que tem como fio condutor o conceito de Vontade Potência como força pulsional, inerente ao homem; de afirmação da multiplicidade da vida, de criação.

**Palavras-chaves:** Ensino de Filosofia; Vontade de Potência; Força pulsional; Vida; Criação.

**Abstract:** This article aims to establish a connection between Nietzsche philosophical thought and education, addressing, more specifically, the philosophy teaching. The study aims to set Nietzsche's thought in the educational field in order to demonstrate points of dialogue with some

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul PUCRS. Licenciado em Ciências Humanas pela Universidade Federal do Pampa. E-mail: <llukasggiovan@gmail.com>

contemporary education issues. In this perspective, it will seek to regain some fundamental concepts for understanding the Will to Power concept configuration in Nietzsche's thought, in order to problematizing the possibility on potentializing philosophy teaching, or rather a philosophy teaching that propels the student empowerment. The procedure adopted consists of a bibliographical research that has as conducting wire the concept of the Will Power as a driving force, inherent in a man; of the affirmation of multiplicity of life, of creation.

**Key-works:** Philosophy of Education; Power will; driving force; Life. Creation.

O filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900), dentre os filósofos do período moderno, talvez tenha sido o mais cáustico, provocativo, incomodo e questionador. Segundo Giacóia (2000), sua vocação crítica e cortante possibilitou o desvelamento do "submundo" de nossa civilização, "[...] denunciou a mesquinhez e a trapaça ocultas em nossos valores mais elevados, dissimuladas em nossas convicções mais firmes, renegadas em nossas mais sublimes esperanças" (p. 6). Na verdade, pode-se vislumbrar que essa atitude deriva do que Nietzsche entendia por filosofia.

A propósito disso, as reações que se sucedem daqueles que o leem vão desde a repulsa pura e simplista até o encantamento ante a beleza de alguns trechos. No *Ecce homo* escreve acerca dos seus leitores: "Quem sabe respirar o ar de meus escritos sabe que é um ar das alturas, um ar forte. É preciso ser feito para ele, senão há o perigo nada pequeno de se resfriar" (Nietzsche, 2008, p. 16). Para Nietzsche, é compreendido o ato de filosofar como um exercício de liberdade que se enraíza na vida.

Conhecido por sua mordacidade, eloquência e por seu compromisso pela autenticidade da reflexão que exige vigilância crítica e permanente de modo a denunciar qualquer mistificação da intelectualidade colocou em suspeita grandes pressupostos e ideais que, durante milênios, determinaram o curso da tradição filosófica ocidental. A saber, a bipartição metafísica do mundo em um mundo real e mundo aparente, o conhecimento, a religião, a moral, a verdade, a cultura, e até mesmo, a filosofia. Para tanto, não poupou nenhum dos nossos mais acalentados artigos de fé. "O destino da cultura, o futuro do ser humano na história, sempre foi

sua obsessiva preocupação. Por causa dela, submeteu à crítica todos os domínios vitais de nossa civilização ocidental [...]" (GIACOIA, 2000, p.6).

A radicalidade das ideias de Nietzsche acabou por abalar as estruturas do pensamento da tradição filosófica ocidental, dessa forma, as repercussões desse abalo não pouparam também o âmbito educacional. Contudo, seus escritos sobre educação ficaram em segundo plano, ou seja, minimizados e relegados à outra instância, assim ficou "mais" conhecido como o pensador "intempestivo", que declarou a morte de Deus e anunciou o advento do *Übermensch*, aquele que diz "sim"; ao eterno retorno do mesmo; o afirmador da vida; do vir-a-ser; da transvaloração de todos os valores. Por isso, segundo Heidegger (2010) Nietzsche é um pensador fundamental.

Não obstante, Nietzsche o filósofo que se autodeclarava como "dinamite", foi, entre os anos de 1869-1879, professor na Universidade de Basileia, instituição a qual galgou, em 1869, o cargo de professor de Filologia (sua área de formação), onde ministrou permanecendo uma década. Foi o contato direto com a realidade educacional de seu tempo, que o possibilitou desferir intensas e duras críticas à educação, a cultura e a filosofia. Seu olhar crítico levou-o a desvelar o apequenamento do homem, devido à precariedade das instituições alemãs e seus métodos educacionais. As reflexões acerca da crítica de Nietzsche, portanto, às instituições educacionais do seu tempo, revelam segundo o filósofo, como tais estabelecimentos de ensino eram extremamente nefastos, pois contribuíram para a massificação e mediocrização da população, produzindo uma "barbárie cultivada". Suas reflexões sobre a educação centram-se no período de juventude, ou seja, esse período coincidiria com boa parte do tempo em que permaneceu como docente de filologia clássica na Universidade da Basileia.

O pano de fundo em que se põem as intervenções de Nietzsche a despeito da educação, bem como da cultura e da filosofia é o diagnóstico do mundo moderno e a sua crítica sempre reiterada das ideias modernas. Cabe ressaltar também que a Alemanha, nesse período, emergia como uma nação unificada e tal quadro político acabaram por suscitar em Nietzsche, uma preocupação com a formação do povo alemão no interior desse processo de unificação.

Para os limites dessa apresentação, as análises de Nietzsche desse período, visam condenar o otimismo vulgar e preconcebido dos modernos, para tanto, ora, contrapõe com o sentido trágico grego, ora, lança mão do pessimismo de Schopenhauer. Nietzsche também via na cultura e nos valores dos modernos o coroamento da mediocridade e da barbárie; seus efeitos se faziam notar no campo da educação, pois os estudantes acabavam por conservar-se na inércia, no conformismo e na ignorância das questões de cunho filosófico que estão ligadas ao sentido da própria existência. Sua desaprovação radical não poupou nem a figura do intelectual que estava encarnada no “erudito”, isto é, do especialista cuja tarefa era educar especialmente para a conformidade e a submissão, tal como eles mesmo se punham. Cabe frisar que, segundo o filósofo, o eruditismo pode ser uma desvantagem para a existência, pois é um saber desvinculado da vida. Dito de outra maneira, a erudição não é sinônimo de prejuízo; o que está em questão é o excesso, que pode tornar o conhecimento uma desvantagem para a existência.

As críticas, portanto, de Nietzsche contra o filisteísmo cultural, a calamidade educacional e a pobreza filosófica dessa época, partem da análise de sua própria e inextinguível vocação pedagógica. Assim, Nietzsche entre janeiro e março de 1872, profere cinco conferências, intituladas “*Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*”<sup>2</sup>. As conferências realizadas por Nietzsche foram proferidas no “Akademisches Kunstmuseum” na Basileia, para um público de estudantes, intelectuais e personalidades ilustres. A fim de se pensar a crítica de Friedrich Nietzsche à educação de seu tempo e ao projeto pedagógico moderno de forma geral, implica necessariamente, olhar ainda que brevemente, para vislumbrar de que projeto se trata. O projeto pedagógico moderno foi fortemente influenciado pelo Iluminismo, pela racionalidade científica, pela pedagogia do método e, até mesmo pela centralidade de um princípio de subjetividade, “fruto” da visão cartesiana de sujeito racional, criador e produtor de conhecimento.

De acordo com Neukamp (2008, p. 25) “Na obra de Immanuel Kant (1724-1804) pode-se encontrar possivelmente a forma mais acabada a que esta elaboração moderna chegou”. Kant será uma personagem recorrente nos textos de Nietzsche, por isso é possível indicar a importância que seu pensamento teve na

---

<sup>2</sup> Ver: Nietzsche, Friedrich. *Escritos sobre Educação*. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho, RJ. Ed. Puc-Rio. São Paulo: Loyola, 2003.

sua formação. As críticas dirigidas a Kant ao mesmo tempo em que os “distancia” os aproxima; contrapontos que levam muitos autores a colocar Nietzsche como alguém que teria radicalizado o projeto kantiano.

Kant acredita na educação como processo de evolução da humanidade, ou seja, busca-se a instauração de um sujeito autônomo; que seja capaz de atitudes morais, e cuja crença na autonomia e no uso da razão, poderá atingir a maioria do homem. “Através dela a humanidade seria aperfeiçoada, liberta de sua ‘menoridade’” (NEUKAMP, 2008, p. 25). Nessa perspectiva, esse projeto pedagógico moderno que tem sua base no Iluminismo busca a autonomia do sujeito, logo, a autonomia é o fim último da educação e é somente alcançado por meio da iluminação da razão, do esclarecimento, da saída da menoridade da qual o homem é o próprio culpado<sup>3</sup>. Kant passa a fazer sua crítica àqueles que, por preguiça e covardia e não por falta de entendimento, negam-se a si mesmo. Ou seja, o indivíduo em algum momento ou fase de sua vida, vive uma situação de menoridade, tanto por comodismo como por oportunismo, medo ou preguiça. Contudo, é importante que ele não permaneça a vida toda, renunciando esse processo a si e aos outros. No mesmo sentido, o jovem professor Nietzsche inicia seu *Schopenhauer como educador*, condenando a preguiça daqueles que preferem viver a vida como animais de rebanho e não se alegram consigo mesmos. “Mas o que obriga o indivíduo a temer [...], a pensar e agir como animal de rebanho e não se alegrar consigo próprio?” Mais, adiante continua a atacar aqueles que com opiniões postizas temem o modo de uma “[...] honestidade e uma nudez absolutas” (Nietzsche, 2003, p. 138). Dito de outra maneira. “temem a maioria”.

Retrata-se então, que o projeto moderno de educação visa à emancipação do homem. A educação é o meio que pode possibilitar o emergir do homem da menoridade para a maioria, ou seja, é propiciar que este desenvolva plenamente sua razão de modo a garantir, por meio da responsabilidade ética e moral, o progresso e bem-estar social. De acordo com Chies (2012, p. 21), por meio

---

<sup>3</sup> De acordo com Wood (2008, pp.11-12), Kant em seu ensaio sobre a questão “o que é o esclarecimento?”, aponta para a essência do esclarecimento “[...] não no aprendizado ou no cultivo de nossas faculdades intelectuais, mas na coragem e na resolução de pensar por nós mesmos, de emancipar nosso eu da tradição, do prejuízo e de toda forma de autoridade que nos oferece o conforto e a segurança de deixar um outro pensar por nós”. E, assim enfatiza que “O ensaio de Kant permite-nos perceber que o ponto levantado pelo desafio do esclarecimento está ainda conosco tanto quanto estava no século XVIII”.

da educação Kant almeja “[...] uma união entre o âmbito social e âmbito moral”. Assim, “[...] seu projeto de educação possui a função de formar o homem de modo que ele possa atender às demandas da vida em sociedade e torná-lo livre, consciente e responsável”.

A responsabilidade da educação, portanto, é moldar as disposições que já estão presentes no homem de modo a propiciar a emancipação, o esclarecimento e o aperfeiçoamento moral. Moralidade que não será poupada pelo martelo nietzschiano. Apesar de toda a confiança na razão e no poder da educação, Kant não desconhece as limitações e dificuldades que se impõem. Kant, ao propor uma união do social e da moral de modo a postular uma razão universal que vá em direção à autonomia, à realização intelectual e em direção a uma moral universal, está na verdade objetivando que a função da educação deva ser a de visar o bem geral, ou seja, um mundo moral e socialmente melhor. Entretanto, esse sonho moderno de uma razão universal educadora, aplicável a todas as culturas e de uma educação de massa, é duramente criticada por Nietzsche, visto que este rejeita a doutrina da unidade da razão.

Para Nietzsche, a visão Iluminista de humanidade é inconcebível. Essa espécie de sujeito unitário que ruma em direção a um conjunto de ideias partilhadas de crenças, conjunto este que é uma derivação de uma razão humana unificada, razão essa, que nortearia todo o conhecimento, é inaceitável. Essa crítica à razão centra-se em uma crítica cujas bases da razão assentam-se nos ideais Iluministas (Chies, 2012).

Conforme Kant, o processo educativo é um meio para interiorização da moral e do dever, cujo objetivo visa o aperfeiçoamento moral do homem, e assim, conduzi-lo à maioria e à emancipação. Entretanto, Nietzsche a despeito dessa ideia de aperfeiçoamento moral do homem, a fim de conduzi-lo à maioria e à emancipação, compreende-a como uma metafísica da subjetividade, restritiva, sedimentada e, mais do que isso, uma negação da vida, das potencialidades do homem. Logo, Nietzsche se propõe a desmascarar os fundamentos da cultura ocidental, pois, por trás das quais se faz alusão aos interesses ocultos e a valores absolutos. Com isso, critica-se os sistemas filosóficos, éticos e religiosos a fim de romper com a crença em verdades que se impõem como sendo verdadeiras, uma

vez que inquestionavelmente aceitas. E, assim sendo, em *Ecce Homo* declara: "Eu não sou um homem, sou dinamite" (Nietzsche, 2008, p. 15).

Para Nietzsche, os valores morais emergiram em algum momento e em algum lugar, os valores morais são, portanto, humanos, demasiados humanos. Isto é, não são eternos, sobrenaturais, imutáveis, nem perfeitos. Logo, se os valores foram criados, podem ser questionados, modificados, transformados e, podem inclusive cederem seu lugar a outros e assim desaparecerem (Nietzsche, 2011).

Nietzsche denuncia a moral como uma criação humana e desse modo retira-lhe toda e qualquer transcendência que possa fundamentá-la: "O homem moral não está mais próximo ao mundo inteligível do que o homem físico – *porque não existe mundo inteligível*" (Nietzsche). Além disso, Nietzsche retira da educação seu papel moralizador, seja do indivíduo, seja da sociedade. Todavia, se em algum momento há em Kant a submissão a uma lei moral universal, ou seja, a razão cabe o papel de ordenar os desejos, em Nietzsche há uma singularidade dos pensamentos, sentimentos e impulsos, que determinam a ação. De acordo com Chies, para Nietzsche não há uma moral com valores válidos universalmente, um imperativo categórico, etc. "O que existe é um sujeito constituído, não mais por uma vontade universal e legisladora, mas por uma pluralidade de vontade". (2012, p. 22).

Compreende Nietzsche, que essa moral de escravos foi imposta a humanidade desde o predomínio da tradição judaico-cristã e, na modernidade, sofreu um deslocamento de seu objeto de fé, isto é, Deus dá lugar a outro ser, a saber, a razão universal. Na modernidade a razão assume o papel - o lugar da religião -, assume a função de domesticar o homem, de fazer com que os mais fortes, os mais aptos a vencer, se tornassem fracos diante dos instintos organizados dos rebanhos. A despeito da metafísica compreende que esta sanciona valores que ameaçam e enfraquecem a vida, a medida em que, ignorando o homem fático, o homem concreto, o devir, a realidade perene que está em constante combate de forças, apresenta como especulação uma transcendência, o suprassensível, que dissimula a significação da vida. Dito de outra maneira, provém daí o imperioso juízo de valor sobre a existência: a vida não vale nada! (CASTILHO, 2009). Pode-se ainda salientar com Nietzsche, que a concepção de homem, de

mundo, de sociedade, de existência, apregoada pela metafísica, e sua negação aquilo que é inerente a natureza humana, sugere uma negação e uma depreciação do mundo trágico grego de afirmação, de sim à vida em sua totalidade.

Nietzsche refuta severamente a crença na unidade e na identidade do ser e do eu como pertencentes à subjetividade e à racionalidade, refutando, conseqüentemente, o império da razão e o sujeito cognoscente da metafísica moderna. Para ele, é necessário que haja a separação dessa subjetividade e racionalidade modernas, uma vez que essa noção do eu é apenas uma realidade fictícia, um construto do pensamento, não tendo correspondência entre as coisas do mundo (CHIES, 2012, p. 23).

Nessa perspectiva, Nietzsche está pondo em suspeita toda a tradição do humanismo, ou seja, suas convenções e construções de uma subjetividade soberana, dotada de razão universal. Assim, eis, portanto, a razão pela qual Nietzsche considera imperioso a necessidade e urgência de uma educação que desenvolva aquilo que é único em cada homem. A saber, suas forças e seus impulsos mais elementares. Dito de outra maneira, sua vontade de potência.

A vontade de potência como concepção fundamental do pensamento nietzschiano aparece pela primeira vez em *Assim falava Zaratustra* “referindo-se aos valores dos povos, à sua necessidade e diferença” (MARTON, 2010, p. 49). O conceito de vontade de potência foi criado por Nietzsche com base para o desenvolvimento de outras ideias. Inicialmente toma esse conceito de Schopenhauer, onde a vontade é cega e insaciável, uma força que estaria para além dos nossos sentidos. Porém, conceitua Nietzsche, a vontade não está fora do mundo, ela se dá na relação, ou melhor, é múltipla e se mostra como efetivação do real. É impossível dizer uma só força, única e indivisível, só podemos falar em vontade de potência no plural. Sendo assim, o mundo seria luta constante de forças, às vezes delicado e, às vezes violento. Portanto, em *Para Além do bem e do mal* afirma: “O mundo visto de dentro, o mundo determinado por seu ‘caráter inteligível’ – seria justamente ‘vontade de potência’, e nada mais” (Nietzsche, 2011, p. 36).

Araldi (2012) compreende que a vontade de potência possui um caráter plural, tanto no plano qualitativo quanto no quantitativo. E assim, destaca:



Ela possui sempre um caráter relacional, a saber, expressa-se sempre no confronto, no jogo ou no arranjo com outras vontades de potência. Se há somente processos de agregação e desagregação das vontades de potência, só se pode falar de uma unidade enquanto organização dos impulsos plurais em incessante luta por potência (p. 103).

Müller-Lauter citado por Araldi (2012) coloca a “vontade de potência” como centro da filosofia de Nietzsche. Ela seria uma filosofia de antagonismos “[...] partir da qual a moral, a natureza, a história, a posição e a desvalorização dos valores podem ser interpretados” (p. 103). Sem adentrarmos nas nuances que ocorrem e nas mais variadas interpretações deste tema, buscar-se aqui, refletir acerca do conceito de vontade de potência, especificamente dentro da perspectiva da vida como vontade de autossuperação <sup>4</sup>.

Em *Assim falava Zaratustra*, o filósofo expressa, pela primeira vez, a ideia de que vida e vontade de potência se identificam: “Somente onde há vida, há também vontade: mas não vontade de vida, e sim – assim vos ensino – vontade de potência!” (Nietzsche, 2011, s/d). Nesse momento, caracteriza a vontade de potência como vontade orgânica; ela não é própria exclusivamente do homem, mas de todo o ser vivo. Contudo, vai mais além nos escritos posteriores, onde deixa entrever que a vontade se exerce nos órgãos, tecidos e células. O pensamento da vontade de potência pode ser entendido como o esforço de triunfar sobre o nada, de vencer a fatalidade e o aniquilamento, como vontade de ultrapassar e ir sempre mais a diante, como a mais alta expressão do enaltecimento da vida – vida que se fortalece continuamente, e/ou acaba por perecer -, como afirma Oselame (2006) sem qualquer conotação metafísica, religiosa, moral, psicológica. Nietzsche em *Vontade de Poder* (apud HAASE, 2011, p. 150) afirma: “Esse mundo é a vontade de poder – e nada além disso! E você mesmo é essa vontade de poder – e nada além disso”.

A vontade de potência é, em Nietzsche, o impulso gerador de vida, de incremento de vida e não há nada fora da própria vida, princípio algum, seja

---

<sup>4</sup> De acordo com Araldi (2012) “Desde a época de Assim falava Zaratustra, o filósofo solitário ensaia compreender a vontade de potência nas funções orgânicas especializadas, estendendo-a ao mundo inorgânico” (p. 104).

metafísico, seja ideal. Portanto, “A partir da perspectiva da vida, a vontade aparece essencialmente como uma *vontade de poder*” (HAASE, 2011, p.154). Em outras palavras, a vida simplesmente é. Dada circunstância, a vontade de potência é apresentada como criadora, logo, não visa – somente – a autoconservação, mas também a sua autossuperação e seu autodesenvolvimento, pois há uma força no homem, uma espécie de vontade de vida, ou melhor, vontade de potência. O Ser é vida, vida é vontade de potência, portanto, toda a realidade efetiva tem por fundamento a vontade de potência. Nietzsche compreende que há apenas vontade de potência, não há nenhum poder transcendente que dê sentido à vida.

Deste modo, pode-se inferir que a vontade de potência pode ser compreendida como símbolo de impulso de vida que visa ir além, que visa vencer e intensificar a vida. Com isso, é possível vislumbrar que a vontade de potência está para além de uma vontade de viver, pois, a vida é apenas um caso particular da vontade. A vida aspira ao máximo o sentimento de potência possível. Logo, a vontade é geradora de vida, somente onde existe vontade existe vida. A vontade, portanto, é um querer mais, um querer mais poder, esse é o seu caráter intrínseco. No entanto, compreende-se a vida como caráter orgânico, é querer vontade de poder.

A vontade de potência, de autoafirmação, se manifesta na vida, em todos os seus movimentos instintivos sendo, portanto, um contínuo e insaciável impulso vital. A vontade é, para Nietzsche, criação de si e do mundo. Que possibilita ao homem o poder de criar novas possibilidades de vida; produzindo o real; desfazendo e dissimulando as falsas representações; por fim, afirmando a multiplicidade da vida e do devir criativo. Logo, sendo a vontade de potência característica inerente ao ser vivo, é possível pensar em uma educação voltada à potencialização do educando?

O conceito de nietzschiano de vontade de potência assumido aqui, sob a perspectiva da vida, vida como criação e autossuperação, tornou-se o fio condutor para a pretensão de se pensar um ensino de filosofia que possibilite o potencializar do filosofar; o potencializar do educando; o potencializar do ensino da filosofia. Assim, para que se consiga elencar um ensino de filosofia que oportunize a

potencialização do educando sob a perspectiva nietzschiana, cabe aqui ressaltar, ainda que de forma breve, o que o filósofo entendia por filosofia.

Compreendia Nietzsche, que a história da filosofia ocidental é uma história de decadência, porquanto, era um saber que se colocava ao lado e muitas vezes se equivalia à metafísica. A pretensão da metafísica é de permanência, de estabilidade, de duração. Ora, para Nietzsche que considera a vida como luta, devir, imprevisibilidade, a metafísica é vista por ele como erro, pois, nega a vida tal como ela é. Logo, a metafísica é decadente, apresenta-se como especulação do transcendente, do suprassensível, com isso, buscou sancionar valores que negam o homem fático, o homem do devir e conseqüentemente enfraquecem a vida, negando a sua real significação.

Sob essa perspectiva, é possível divisar o que Nietzsche não entendia por filosofia. Uma filosofia moralizadora, atrelada à metafísica era um saber decadente, portanto, um saber fraco, à vista disso, deveria ser superada. A verdadeira filosofia deveria ser um sim, um saber que valorizasse, afirmasse e potencializasse a vida. Tal ideia de que a filosofia potencialize a vida pode ser encontrada em *Ecce Homo*: “Filosofia, tal como até agora entendi e vivi, é a vida voluntária no gelo e nos cumes – a busca de tudo o que é estranho e questionável no existir” (Nietzsche, 2008, p. 16). Clarea-se aqui a postura de Nietzsche a despeito da necessidade de a filosofia ser, de fato, vivenciada em sua totalidade, da mesma maneira que a vida, ou seja, sem supressões, sem medo, e sim, com dureza, força e enfrentamento.

Não obstante, em *Para Além do Bem e do Mal* declara: “A filosofia é esse instinto tirânico que é a vontade mais intelectual de potência, de criar o mundo, de ser causa primeira” (Nietzsche, 2011, p. 38). Essa criação de mundo proposta pelo filósofo é também, vontade de potência. Vontade de potência que, aqui, está sendo abordada sob a perspectiva da vida, no sentido de autossuperação. No aforismo § 13, Nietzsche, enfatiza que a vida é vontade de potência, desta maneira, a vontade de potência é o próprio impulso de dar vazão à sua força. Contudo, a vida é, portanto, apropriação, incorporação e exploração, resultados do processo de expansão da potência. Sendo assim, definir vida como vontade de potência significa defini-la como atividade criadora, interpretativa, valorativa, produtora de sentidos.

O homem, corporificação da vontade de potência é aquele que cria e atribui sentido ao mundo, a filosofia. Em Nietzsche, a filosofia pode ser entendida como impulso potencializador da própria vida, todavia, de criar sentidos. Para isso, a filosofia deve, por conseguinte, possibilitar a dureza, a firmeza e a coragem necessárias para que ele possa formar-se a si mesmo, oportunizando a criação de novos sentidos que visem substituir os velhos valores apregoados pela tradição.

Nessa perspectiva, cabe ainda ressaltar, o tipo de homem e de educador apto a vivenciar a plenitude dessa filosofia para Nietzsche. Uma filosofia compreendida como impulso criativo da vontade de potência, expressão da dureza, da coragem, da força, necessita ser vivenciada por um tipo de homem capaz de enfrentar o medo e a solidão dos ares gélidos e dos cumes das montanhas e tenha, em si, a expressão da força como critério para a criação. O homem na expressão de Nietzsche deve possuir a força, a coragem e na sua força motriz a expressão da potencialidade da existência. Ele é o homem forte, o além-do-homem que, a despeito da falta de sentido é capaz de entregar-se gloriosamente ao espírito dionisíaco do eterno sim. Homem que é capaz não importando os percalços e desafios consegue expressar a sua ativa força de potência. Por conseguinte, a filosofia uma expressão de criação de vontade de poder, o homem que esteja apto a viver a solidão nos cumes e montes necessita renunciar àquilo que o obriga a viver, pensar e agir como animal de rebanho. Dito de outra maneira, o homem deve afastar-se de tudo aquilo que o estabiliza no comodismo, na preguiça, na indolência, na passividade, na homogeneidade das massas.

Nesse mesmo viés, o educador, em Nietzsche, emerge como outro critério para a potencialização do filosofar. Este deve vivenciar a filosofia de modo a oportunizar o rompimento com a acomodação, deve aprender a conviver com a solidão e a conduzir-se a si próprio. Deve ser também forte, corajoso, ascendente e criador. A Zarathustra, é a personagem que representa e elucida vivências de rompimento com a acomodação, do abandono do seu confortável lar e vai em direção para a montanha vivenciar a solidão. “Quando Zarathustra fez trinta anos de idade, abandonou sua terra e o lago de Urmi e foi para as montanhas. Lá ele desfrutou seu espírito e sua solidão por dez anos” (Nietzsche, 2012, p. 205).

Destarte, assim como Zaratustra, que abandona tudo o que é lhe conhecido e familiar, seu conforto, seus amigos, sua casa, também o educador necessita, abandonar certezas, crenças e convicções que são decorrentes de uma formação sedimentada em normas e deveres pré-estabelecidos, para que possa assim, emergir e vivenciar a filosofia em toda a sua grandiosidade. Portanto, Zaratustra representa este ato supremo de coragem. A figura de Zaratustra é a representação do educador que, além de educar a si mesmo e vivenciar por si próprio essa filosofia potencializadora, também se dispõe a anunciá-la aos demais. Para isso, Zaratustra representa o tipo de homem e educador que após mergulhar no niilismo, dele emerge com mais força, transbordante de vida, de afirmação, de potência ativa.

Portanto, cabe agora perguntar, como oportunizar um ensino de filosofia que enalteça cada vez mais a força pulsional criativa do educando de modo a superar a si mesmo e aos seus limites. Uma possível resposta consiste em um ensino de filosofia que não se centre apenas na transmissão do pensamento histórico da filosofia, mas que oportunize o filosofar. Em *Schopenhauer como Educador*, tece uma profunda crítica ao ensino de história da filosofia vigente na Alemanha. Um ensino calcado em saberes já estabelecido que, segundo ele jamais será fazer filosofia, mas, sim, no melhor dos casos, aquele que se ocupa da história erudita é um bom historiador, mas não um filósofo (Nietzsche, 2012, p. 212).

Um ensino de filosofia pautado apenas na transmissão de conhecimentos da tradição não parece ser propriamente a atividade de um professor que prime pela criação em todos os aspectos da vida do educando. É sabido que pouco interesse e entusiasmo são despertados no educando pela filosofia. Em seus *Escritos sobre Educação*, Friedrich Nietzsche ataca de forma dura os “ditos professores de filosofia”, que apenas enfatizam a transmissão da história da filosofia. “E, afinal de contas, o que importa a nossos jovens a história da filosofia? [...] devem eles porventura aprender a odiar e desprezar a filosofia? [...]” (2003, p. 213).

O filósofo não está negando a importância da história da filosofia ou o uso dos textos filosóficos, mas o contrário. Ambas são ferramentas fundamentais e de grande valia para o desvendamento do pensamento nascente já pensado por outrem com a riqueza de um pensamento já consolidado. Assim o que se pretende

defender aqui, é que pensar a filosofia como vivência, vivência que possibilite a potencialização do educando é oportunizar o enaltecimento da vontade de potência ativa. Mas de que forma? Dialogando com o texto filosófico da tradição, mas indo para além das ideias e dos conceitos ali propostos. Em outras palavras, avaliando os sistemas e diferentes problemas que os mais variados filósofos vivenciaram, questionando e discutindo com o texto como um interlocutor; argumentando, problematizando, propondo réplicas e possíveis hipóteses. Por fim, como disse Gallo (2008) criando conceitos, vivenciando a filosofia, o filosofar, o pensar, o afirmar.

## Referências

ARALDI, Clademir Luís. *A vontade de potência e a naturalização da moral*. Cadernos Nietzsche 30, 2012.

ASTOR, Dorian. *Nietzsche, biografia*. Tradução de Gustavo de Azambuja Feix. 1. Ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

BAILEY, Tom. *As abordagens de Nietzsche acerca da epistemologia e da ética kantianas*. Cadernos Nietzsche, v. 29, 2011.

CASTILHO, Kelly de Fátima. *Nietzsche: a verdade dionisíaca contraposta à verdade metafísica*. Dissertação de mestrado, UFSC, Florianópolis, 2009.

CHIES, Andréia Bonho Borba. *Nietzsche e a Educação: Por um ensino de Filosofia que oportunize a potencialização do educando*. Dissertação de Mestrado, Caxias do Sul, 2012.

GIACÓIA, Júnior, Oswaldo. *Nietzsche*. São Paulo: PUBLIFOLHA, 2000. (Folha explica).

HAASE, Ullrich. *Nietzsche*. Tradução de Edgar da Rocha Marques. Porto Alegre. Artmed, 2011.

HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche; Volume I*. Tradução de Marco Antônio Casanova. RJ, Forense Universitária, 2010.

NEUKAMP, Elenilton. *Nietzsche, o professor*. São Leopoldo. Oikos, Nova Harmonia, 2008.

MARTON, Scarlet. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. 3.ed. Belo Horizonte: Editora, UFMG, 2010.

Nietzsche, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. *Escritos sobre Educação*. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho, RJ. Ed. Puc-Rio. São Paulo: Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. *Ecce Homo: Como alguém se torna o que é*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. *Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. *Humano, demasiado Humano: um livro para espíritos livres*. s/s.

\_\_\_\_\_. *Para Além do bem e do Mal*. Editora Martin Claret. São Paulo, 2011.

OSELAME, Valmor Luiz. *A Vontade de Poder é incremento da vida – e nada mais! – na filosofia de Nietzsche*. Tese de doutorado apresentado ao programa de pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas departamento de Filosofia. Porto Alegre, 2006.

WOOD, Allen W. *Kant*. Tradução de Declamar José Volpato Dutra. Porto Alegre. Artemed, 2008.